

POR QUE ENSINAR FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO?

Gilmar Alonso Valério¹

RESUMO

Este artigo, com base nos trabalhos realizados por Aranha (1993) sobre o papel da Filosofia, Niskier (2001) sobre as transformações pelas quais o mundo passa e Freire (2000) sobre a produção cultural da sociedade, tem como propósito demonstrar alguns aspectos positivos da influência do ensino da Filosofia no Ensino Médio. No mundo globalizado, as transformações que acontecem de forma cada vez mais rápida e acelerada, provocam repercussões em todas as organizações, e de maneira especial, a Educação tem cada vez mais uma importância estratégica para o desenvolvimento pessoal e social para o futuro das nações. Crescem as demandas pela qualidade do ensino, as quais precisam ser atendidas de forma inovadora para assegurar a ampliação do acesso e a compreensão do mundo moderno. Por este ângulo de visão, se conclui que o papel da Filosofia é indispensável para uma formação mais abrangente. De modo que, no mundo moderno, educadores podem reconstruir uma nova interpretação e uma nova metodologia educacional a partir do ensino da Filosofia no Ensino Médio.

Palavras-chave: escola; transformação social; competência.

ABSTRACT

This article, on the basis of the works carried through for Aranha (1993) on the paper of Philosophy, Naskier (2001) on the transformations for which the world also passes and Freire (2000) on the cultural production of the society, has as intention to demonstrate some positive aspects of the influence of the education of the Philosophy in Average Teaching. In the globalized, the transformations that happen of form each faster and sped up time, provoke repercussions in all the organizations, and in special way, education it has each time plus a strategical importance for the personal and social development for the future of the nations. The demands for the quality of education grow, which they need to be taken care of innovative form to assure the magnifying of the access and the understanding of the modern world. For this angle of vision, one concludes that the paper of the Philosophy is indispensable for a more including formation. Then, in the modern world, educators can reconstruct a new interpretation and a new educational methodology from the teaching of the Philosophy in Average Teaching.

Key-word: school; social transformation; performance.

¹ O autor é pós-graduado em Psicopedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser, em Ética e Filosofia pela Faculdade do Noroeste de Minas e em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia de Palmas; é mestrando em Ciências da Educação pela Universidad de los Pueblos de Europa, e pós-graduando em Literatura da Língua Portuguesa pela Faculdade Alfredo Nasser e em Aconselhamento Pastoral pelas Faculdades Integradas da Fama. E-mail: tikva@ibest.com.br.

INTRODUÇÃO

Há uma demanda crescente por educação reflexiva e um reconhecimento sobre sua importância para o desenvolvimento político e social das nações. Sem dúvida, a educação vem dando amplas demonstrações de sua importância para promover transformações na sociedade, por isso passou para o rol de temas considerados prioritários e estratégicos para o futuro das nações.

No Brasil, discute-se uma reforma educacional, porém com muitos pontos polêmicos. Apesar de alguns avanços como a implantação da política de inclusão, o acesso à educação é ainda considerado baixo. Este artigo convida à reflexão sobre temas importantes como o processo ensino–aprendizagem da Filosofia no ensino médio, pois transformações aceleradas estão ocorrendo no mundo, principalmente no que diz respeito à escolaridade, carreira docente, expansão e equidade na educação; ao mercado de trabalho e financiamento da educação. Sem dúvida, um empreendimento muito ousado de reforma da educação mundo afora. Foi uma decisão eminentemente política, tomada de cima para baixo (por Ministro de países) que passou a ser visto como inevitável por todos os atuentes dos diferentes sistemas educacionais nacionais num único espaço educacional: o mundo.

O Brasil, por sua vez, vive uma experiência muito peculiar que é a de ser considerado o país mais desenvolvido dentre os países latino-americanos. De um lado, experimenta os efeitos das grandes transformações políticas e sociais, porém por outro, carrega o ônus de possuir um sistema de educação que acumula muitas dificuldades financeiras. O sistema educacional público e particular como também as universidades precisam lidar com os problemas que são cada vez mais complexos, dentre os quais encontra-se o ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Uma reflexão sobre a educação é extremamente oportuna neste momento. O propósito deste artigo é justamente oferecer ao leitor uma reflexão atual sobre as transformações que estão ocorrendo no âmbito da Educação no Brasil em nível de Ensino Médio e os graves problemas que persistem, e mostrar as mudanças no contexto, especialmente o inovador ensino da Filosofia. As idéias que compõem este artigo refletem as análises e temas quando se trata do vasto campo da educação filosófica, bem como as polêmicas do mesmo. A primeira parte do artigo traz ao conhecimento do leitor o atual

debate sobre educação filosófica em contextos nacionais e a segunda parte é formada pela exposição de idéias de transformações pessoais e sociais que o ensino da Filosofia no Ensino Médio pode provocar, por se tratar de um dos temas de grande relevância.

1 TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

Segundo o educador José Carlos Libâneo (2001), as instituições escolares estão sendo estimuladas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação mundial.

De acordo com a citação mencionada, as mudanças no mundo do conhecimento afetam todas as áreas e, por consequência, os sistemas de ensino. Essas transformações que ocorrem em escala mundial acontecem devido a um conjunto de acontecimentos e processos que acabam por caracterizar novas realidades sociais, políticas, econômicas, culturais, geográficas, tecnológicas, e também realidades educacionais novas, etc. Dentre esses acontecimentos, serão destacadas algumas dessas realidades.

Sobre as mudanças econômicas, trata-se de novas formas de produção baseadas nas novas tecnologias que levam a um conjunto de transformações as quais vem sendo chamadas de globalização. É um modelo econômico que visa à lucratividade e para atingir seus objetivos são rompidas as fronteiras comerciais e ampliada a circulação do capital financeiro; e aqueles que não conseguirem competir formarão o segmento dos excluídos sociais. Essas mudanças atingem o sistema educacional, exigindo-se tanto do próprio sistema educacional, como do aluno a adequação aos interesses de mercado, de modo que o ser humano precisa estar preparado para enfrentar essas alterações que requerem trabalhadores com maior conhecimento, cultura e preparação técnica, mas sem excluir a capacidade reflexiva.

Em relação à revolução informacional, conforme o escritor Dante Diniz Bessa (2006), nós estamos vivendo presentemente o grande momento da mídia. Quanto ao sentido e ao valor dela, percebe-se o seu lugar na construção, na conservação e transformação das relações sociais. De modo que a sociedade está se transformando em uma sociedade informacional devido à grande tecnologia nos meios de comunicação que podem ser citados como as artes, os livros, os jornais, as revistas, rádio, televisão, cinema, telefone e, principalmente, o computador, etc..

Porém, parece que esta mesma sociedade tão bombardeada pelos meios de comunicação não está desenvolvendo sua capacidade reflexiva e crítica em relação às condições de produção e de difusão da importância da Educação. Sobre a despolitização da sociedade, no campo político, ressalta-se a diminuição da crença na ação pública, na solução dos problemas e descrença nas formas convencionais de representação política; isso significa que há uma necessidade da continuação da educação reflexiva na vida do ser humano quanto à formação da cidadania, uma vez que se faz necessário educar para a participação social, para os reconhecimentos das diferenças entre os vários grupos sociais, para a diversidade cultural, para os valores e direitos humanos percebendo também que, menor ou maior acesso à educação e a outros bens culturais, determina a qualidade da participação popular nos processos decisórios existentes na sociedade civil. Quanto à exclusão social, segundo José Carlos Libâneo (2004, p. 50):

As transformações em curso impulsionam avanços científicos e tecnológicos, novos processos de produção, novas formas de conhecimento e ação, mas provocam também o aumento da distância social e econômica entre incluídos e excluídos desse processo.

De acordo com a citação acima, percebe-se que são vários os assuntos que contribuem para essa exclusão social.

Portanto, o ensino filosófico tem o papel principal de voltar-se para as novas realidades, ligar-se ao mundo econômico, político, cultural e ser um baluarte contra a exclusão social. Mesmo considerando a imensa oferta dos meios de comunicação social extraescola, de meios informacionais, ainda assim há lugar para o ensino da Filosofia na e para sociedade, pois esse ocupa funções que não são providas por nenhuma outra instância; trata-se de uma síntese entre a cultura experienciada que acontece na cidade, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho etc. O ensino filosófico é uma continuação do desenvolvimento das competências cognitivas, pois o discente é orientado a desenvolver o seu senso crítico e a interpretar a informação que recebe diariamente.

O significado da educação filosófica é singular. Seu papel na vida do ser humano é único, pois é responsável por formar um cidadão trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para integrar o mercado de trabalho. É uma educação que ajuda o ser humano a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores, etc.. Trata-se de investir numa

combinação bem-sucedida entre a assimilação consciente e ativa dos conteúdos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas pelos discentes, visando ao desenvolvimento do pensar, ou seja, a internalização de instrumentos conceituais para lidar com os problemas, dilemas e situações da realidade.

A Educação é, em qualquer sociedade, um dos motores do desenvolvimento sócioeconômico e ao mesmo tempo um dos polos do ensino ao longo de toda a vida. É o instrumento principal de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Num mundo em que os recursos cognitivos, enquanto fatores de desenvolvimento tornam-se cada vez mais importantes do que os recursos materiais, daí a importância do ensino filosófico e também das instituições que o promovem.

Dessa maneira, a educação através do ensino da Filosofia torna-se um instrumento social, político e econômico não para produzir, de forma isolada, a mudança social, mas para servir de instrumento para que as pessoas sejam atuantes principais do processo de mudança.

Sabe-se que na Grécia antiga, a educação era primeiramente voltada para a formação do ser humano para a *polis* (cidade-estado). A seguir, a formação deste mesmo ser humano deveria ser para o próprio desenvolvimento do espírito. De modo que a educação grega antiga visava em primeiro lugar o Estado. O currículo básico era o *Trivium*: Lógica, Gramática e Retórica. E depois, o *Quadrivium*: Música, Aritmética, Geometria e Astronomia. Já no final da Idade Média ocorreu uma mudança significativa no ensino e gradualmente das disciplinas clássicas: isso se deu com o surgimento da universidade na Educação. Com esta expressão, o conhecimento se tornaria geral, universal.

As escolas teriam como papel a formação geral do ser humano. Formar o ser humano universalmente é fazer do mesmo um ser competente para a própria existência humana. Com essa idéia se tem que o papel da escola é o de demonstrar que o ser humano que não tem a educação filosófica e sistemática, não está preparado para ser competente no mundo moderno, pois não basta apenas a educação informal.

É importante que se tenha a percepção de que *conhecer* quer dizer estabelecer o significado do mundo. Entende-se que a educação filosófica tem essa função, isto é, a função de formar pessoas para ter ou passar a ter o significado da realidade. Quem é educacionalmente formado, pode ter uma visão universal de si mesmo, dos outros e da

própria educação. Pergunta-se muito sobre o sentido da vida. Com a educação filosófica se pode ter uma visão mais ampla desse sentido. Daí, a idéia da indispensabilidade da educação filosófica no ensino médio.

O sistema de ensino grego conhecido como *Trivium* desempenhava um duplo papel: o de mediação entre o conhecimento em sentido pleno, que incluía a arte ou mesmo a religião, e aquilo que deveria ser ensinado às crianças, aos indivíduos em formação; e o meio para o desenvolvimento pessoal. O *Trivium* não tinha como objetivo a formação específica ou a formação profissional. Era uma formação comum, isto é, destinada a todos os cidadãos.

Depois, já no século XX, a escola foi organizada tendo como objetivo o desenvolvimento das ciências. Os alunos estudam matérias, conteúdos disciplinares com a finalidade de chegar ao conhecimento científico. Com o conhecimento científico se imaginaria que se chegaria a uma boa educação formal, isto é, a formação pessoal decorreria daí naturalmente. De modo que, com a supervalorização da ciência, para alguns pensadores, não veio a formação do ser humano para uma compreensão de valores profundos. Com isso, chegou-se a conclusão de que não se pode separar o desenvolvimento científico do projeto social, isto é, a ciência precisa servir às pessoas, ela deve cooperar na formação delas e não produzir o oposto da Educação. Com este pensamento decorre que a educação filosófica deve ter, primordialmente, como objetivo o desenvolvimento das competências pessoais, pois a ciência não pode ser um fim em si mesma.

A escola deve continuar a ensinar ciência. As universidades devem continuar a desenvolver pesquisas científicas. Porém, o que se propõe hoje é que deve haver uma desvinculação do ensinar puramente ciência e não gerar uma competência pessoal para vida. As escolas terão de continuar a ensinar Gramática, Matemática, Biologia, etc., mas sem jamais deixar de formar o indivíduo a fim de atuar de maneira competente no mundo.

2 O CONCEITO DE COMPETÊNCIA

Um conceito que deve ser muito bem explicado é o termo empregado aqui como *competência*. Há a expressão no sentido em que uma empresa o emprega: para a empresa, o conceito está relacionado com a idéia de qualidade; portanto, *competência*

nesse sentido significa deixar um cliente satisfeito. Porém, a idéia de *competência* no mundo escolar já implica formação do cidadão.

Deve-se ter em mente que uma máquina não é e nem pode ser competente. As pessoas é que são competentes. Essa idéia de competência é, pois, a característica fundamental na questão. Mesmo que a escola seja organizada basicamente em termos de conhecimento que é apresentado em forma de disciplinas, o que se deve conhecer é o significado, que é construído pelas pessoas.

Há no mundo os significados, os quais chegam até o ser humano também através dos escritores que procuram colocá-los nas páginas dos livros; esses significados formam uma grande rede de sentido. Essa idéia dos diversos significados formarem redes faz com que as pessoas necessitem de relação mais estreitas para que a Educação passe de um para outro ser humano. Os conteúdos ensinados são relevantes para se ensinar matizes desses significados, porém tais conteúdos devem ser ensinados com o propósito de tornar o ser humano competente. Essa *competência* pode se mostrar sob diversos aspectos, tais como a capacidade de expressão. Um indivíduo pode ter varias idéias, mas quando não consegue expressá-las, pode se tornar um indivíduo incompetente.

A capacidade é desenvolvida pelas disciplinas. De modo que a *competência* está presente em todos os setores da vida, como por exemplo, o caso dos juízes. Não basta apenas que eles tenham conhecimento satisfatório das leis. Eles devem saber aplicá-las. De modo que a *competência* está presente na capacidade de expressar, argumentar, etc.; as disciplinas devem ser apenas meios para que a *competência* ocorra.

O conceito de *competência*, muito importante, está ligado ao lugar de sua realização. Tem-se um lugar amplo no qual esta *competência* se concretiza, e a pessoa pode ser caracterizada como competente. Essa idéia é muito complexa e não é fácil definir o que é um cidadão competente.

Ser competente não significa apenas acúmulo de saber. Porém, ela diz respeito à capacidade de recorrer a um cabedal de conhecimento e saber raciocinar dentro das disponibilidades para gerar novos avanços e visões múltiplas da realidade. A *competência* também diz respeito à articulação do conhecimento a serviço da inteligência.

3 ESCOLAS REFLEXIVAS PARA A GERAÇÃO DE UM NOVO HOMEM

A grande urgência para a atualidade é aquela de que a humanidade deve se voltar para as escolas reflexivas para entender que elas devem desenvolver métodos de ensino no sentido de gerar um novo homem, até mesmo no sentido de que este novo homem gere um futuro mais promissor para todos; e não com a aplicabilidade de produção de bens materiais apenas.

Por outro lado, de acordo com o educador Arnaldo Niskier (2001, p. 23):

Pode-se conceituar ciência como um conjunto de enunciados acerca de um determinado objeto ou campo de pesquisa, ou conhecimento objetivo e sistematizado, caracterizado por uma investigação que progride sempre na tentativa de resolver problemas de interesse para o homem.

Em outras palavras, ciências é um conhecimento exato e racional de certas coisas determinadas. De modo que o que se percebe é uma matematização do saber na atualidade. Mas o que se deve falar sobre a arte, sobre a religião, enfim sobre a educação que parecem ser assuntos não passivos da matematização? Um questionamento dessa natureza faz com que se entende que ciência e educação devem estar dialeticamente unidas, ambas voltadas para a promoção do ser humano como um ser competente.

Ainda segundo Arnaldo Niskier (2001, p. 36):

[...] a educação deve constituir-se em uma tomada de posição explícita sobre a problemática educacional em todos os níveis e não deve ser confundida com a administração polar, organização de currículos e temas semelhantes.

Uma realidade nova surge do que Arnaldo Niskier escreveu na citação acima. Pode-se entender que educação é um processo social. Ela deve continuar a ser um processo social até mesmo para que cada indivíduo que compõe esta sociedade seja contaminado pela educação. Nesse processo, a escola tem o seu papel a desempenhar. Ela deve ser a grande promotora do desenvolvimento humano, sendo que esta educação deve ter como alvo, como objetivo o ato de tornar o indivíduo competente.

O papel do Estado deveria se consolidar também no que diz respeito a dar condições a suas escolas para que possam promover a educação competente, isto é, aquela que torna o indivíduo competente. O Estado deveria entender que um indivíduo

competente é bom, principalmente quando se tem em mente a grande competição internacional, uma vez que a globalização é uma realidade.

No âmbito da moral, um indivíduo competente seria aquele que tem a capacidade de enxergar os valores. A parte da Filosofia que trata dos valores é a Axiologia e em linhas gerais, se relaciona com a idéia do que se deve fazer para alcançar o bem. A questão fundamental é saber se o bem pode ser definido e de como fazer para alcançá-lo. Dentro desses princípios filosóficos, a questão moral da educação reflexiva está intrínseca. A competência também diz respeito à capacidade de agrupar valores e manipulá-los com o propósito de gerar competência moral nos indivíduos.

Para o educador Paulo Freire (2000, p. 51), a Educação é ciência e ao mesmo tempo uma arte:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um olhar nessa citação do educador Paulo Freire, percebe-se com grande facilidade que o homem é o agente da educação, e em especial, da educação reflexiva.

Com a proliferação de novas metodologias de ensino, pode ser que este surgimento cada vez maior destas técnicas não signifique compromisso com a formação da cidadania, mas apenas uma preocupação com o fazer dinheiro. Há a necessidade de transformação da sociedade através da educação reflexiva, e para tanto, as instituições educacionais terão que cumprir o seu papel. A sociedade não deve acostumar-se com este surgimento vertente de instituições de Ensino Médio como se isso significasse formação dos jovens. Ao contrário, deve aprender a exercer um espírito crítico para que uma consciência da realidade na qual se insere possa trazer uma educação reflexiva que é ideal e urgente, com a finalidade de fazer com que o homem competente apareça.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2000.

NISKIER, Arnaldo. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.